

Análise MENSAL

Feijão

MARÇO/ABRIL DE 2020

1. MERCADO NACIONAL

1.1 FEIJÃO COMUM CORES

O mês de março iniciou com a comercialização apresentando significativas oscilações de preços, mas a partir do dia 16, o mercado voltou a sofrer uma forte oscilação positiva de preços, em virtude da elevada demanda do varejo causada pelo coronavírus. No entanto, aos poucos, com boa parte do consumidor abastecido; as redes supermercadistas limitando a quantidade de unidades vendidas por pessoa; e ao processo de isolamento social, verificou-se um fraco interesse nas aquisições, e os preços recuaram. A antecipação de compras pelos consumidores, adquirindo volumes muito acima de suas necessidades mensais, para se resguardar de uma possível falta do produto, influiu negativamente na demanda.

Até o primeiro decêndio de abril, o mercado encerrou com pouca oferta, preços mantidos e registro de poucas vendas. Muitos corretores e produtores se mostraram acomodados, sem pressa em vender, recusando propostas, e convictos de que a demanda iria surgir e com preços bem mais atrativos.

Estratégia correta, os preços reagiram. Uma das explicações para tal comportamento foi a semana mais curta, devido ao feriado de páscoa, que teve menor fluxo de mercadoria para os grandes centros de consumo, frente a uma maior procura, bem como a necessidade de compra em função dos baixos estoques.

Desta forma, quem necessitava comprar, a saída foi aceitar o preço pedido, puxando as cotações do produto para cima. A preferência da demanda continuou pelo produto extra ou similar, mas muitos compradores sem alternativas face à cotação elevada do produto em questão acabaram optando por tipos inferiores, em vista das dificuldades encontradas no giro das mercadorias de maior valor.

Na segunda-feira (13.04), o mercado chegou a ensaiar uma pedida ainda maior para os melhores tipos, especialmente o extra nota 9,5 que se encontra escasso, em função da

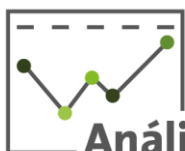
menor produção e problemas climáticos nos estados de Minas Gerais e Goiás. Todavia, como o comprador recuou, a média ficou estabelecida em R\$ 375,00 a saca.

Os estoques remanescentes da 1ª safra estão baixos, em função do excesso de chuva registrado na fase de colheita nas regiões produtoras de Minas Gerais e Goiás, comprometendo parte da produção e a qualidade do produto. Ainda, para agravar a situação, verificou-se uma demanda atípica causada pelo coronavírus, subtraindo ainda mais os estoques, e provocando um desequilíbrio entre a oferta e demanda.

Pelo visto, ao longo deste mês de abril, o mercado deverá operar com entrada de pequenos lotes, tendo em vista que no referido período apenas no estado do Paraná ocorrem colheitas. Lá, cerca de 10% das lavouras semeadas em janeiro, foram prejudicados pela insuficiência hídrica, influyendo em redução de 20% na produtividade estimada, e queda na qualidade dos grãos (miúdos). Com isso, os poucos lotes do produto de qualidade que apareceram para venda puxaram os preços para cima.

No momento, as atenções estão voltadas para as lavouras mais tardias (plantios de fevereiro). Estima-se que 4% da área plantada foram colhidos, e as lavouras atravessam, na maior parte, as fases de floração a enchimento de grãos, períodos em que são mais exigentes em água. No dia 06.04, verificou-se naquele estado chuvas com boa intensidade e bem distribuídas, mas é fundamental a sua normalidade para uma melhor definição da safra, vez que metade da produção deve entrar no mercado a partir de maio. Assim, os próximos dias serão importantes para a definição do potencial produtivo das lavouras, pois há necessidade de boas precipitações num curto espaço de tempo.

Com todos os problemas verificados até o momento, é difícil estimar o comportamento dos preços, em vista das



Análise MENSAL

Feijão

MARÇO/ABRIL DE 2020

dificuldades que as indústrias de empacotamento vão encontrar no repasse de aumentos ao setor varejista e este aos consumidores. Nos estabelecimentos comerciais, o pacote de 1 kg está sendo vendido por volta de R\$ 9,00, e esse valor, bastante elevado; já restringe as vendas.

O mercado trabalha com um quadro de oferta muito apertado, e os baixos estoques nas lavouras/indústrias, e as incertezas do fator clima, devem assegurar preços satisfatórios aos produtores, com estímulo em pedidas mais elevadas até o fim deste mês. No entanto, a partir de maio a situação tende a se normalizar com o avanço das colheitas dos estados das Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil. Estima-se que nas duas primeiras regiões, o país vai colher mais de 350.000 toneladas, volume que deverá pressionar significativamente os preços para baixo.

Como a produção de feijão carioca é equilibrada entre as três safras que compõem a produção brasileira, conclui-se que a 2ª safra é a que sofre maior pressão de oferta de feijão novo, por ser cultivada em todas as Unidades Federativas do país, e ter um período de meses menor (abril, maio, junho) para atender o abastecimento com a sua produção. A partir de junho começa a entrar no mercado a safra irrigada, de qualidade superior, e bastante demandada pelos comerciantes.

Enfim, é preciso aguardar o comportamento da demanda neste momento de crise inédita no mundo: reflexo da procura no decorrer deste mês, devido uma antecipação de compras pelos consumidores em março; e como serão as vendas diante dos preços elevados e da menor renda financeira de boa parte dos consumidores.

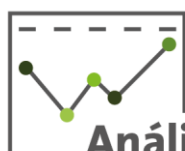
1.2 FEIJÃO COMUM PRETO

No momento, o volume ofertado atende plenamente à fraca demanda e os produtores continuam retendo e escalonando as vendas, com o objetivo de melhor remuneração para o seu produto. Contudo, em vista da pouca quantidade disponível e dos elevados valores praticados para o grupo carioca, a expectativa é de um mercado mais firme, focado na quantidade e na qualidade da mercadoria que vem sendo ofertada, e no clima no Sul do país.

A 2ª safra está concluída e a temporada dessa variedade se encerra nesse segundo plantio. Doravante, o país passará a

depender de importações majoritariamente da Argentina, que concluiu o seu plantio no mês de março. Do volume a ser produzido naquele país, cerca de 70% da produção de feijão comum preto são destinados ao Brasil.

O câmbio em alta limitou algumas negociações com os produtos importados, o que acabou beneficiando, de certa forma, os produtores brasileiros na concorrência do produto.



Análise MENSAL

Feijão

MARÇO/ABRILDE 2020

QUADRO 1 – FEIJÃO COMUM CORES 2ª SAFRA

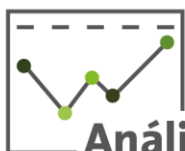
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	11,5	10,6	(7,8)	805	833	3,5	9,3	8,9	(4,3)
RO	5,3	5,3	-	1.014	1.014	-	5,4	5,4	-
AC	4,3	4,3	-	555	583	5,0	2,4	2,5	4,2
AP	1,0	1,0	-	820	950	15,9	0,8	1,0	25,0
TO	0,9	-	(100,0)	756	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORDESTE	40,9	43,8	7,1	996	999	0,4	40,8	43,7	7,1
CE	5,2	5,7	9,4	646	585	(9,4)	3,4	3,3	(2,9)
PB	20,1	22,5	11,8	284	365	28,5	5,7	8,2	43,9
PE	4,6	4,6	-	426	550	29,1	2,0	2,5	25,0
BA	11,0	11,0	-	2.700	2.700	-	29,7	29,7	-
CENTRO-OESTE	101,0	87,9	(13,0)	1.641	1.691	3,1	165,8	148,7	(10,3)
MT	57,6	41,0	(28,8)	1.508	1.590	5,4	86,9	65,2	(25,0)
MS	17,5	21,0	20,0	1.400	1.500	7,1	24,5	31,5	28,6
GO	25,0	25,0	-	2.100	2.000	(4,8)	52,5	50,0	(4,8)
DF	0,9	0,9	-	2.100	2.200	4,8	1,9	2,0	5,3
SUDESTE	162,5	148,2	(8,8)	1.449	1.406	(3,0)	235,4	208,5	(11,4)
MG	138,8	124,6	(10,2)	1.403	1.340	(4,5)	194,7	167,0	(14,2)
ES	5,4	5,3	(2,0)	853	842	(1,3)	4,6	4,5	(2,2)
SP	18,3	18,3	-	1.974	2.020	2,3	36,1	37,0	2,5
SUL	126,3	116,1	(8,1)	1.589	1.970	24,0	200,7	228,7	14,0
PR	123,6	112,8	(8,7)	1.588	1.981	24,7	196,3	223,5	13,9
SC	2,7	3,3	22,2	1.619	1.579	(2,5)	4,4	5,2	18,2
NORTE/NORDESTE	52,4	54,4	3,8	954	967	1,4	50,1	52,6	5,0
CENTRO-SUL	389,8	352,2	(9,6)	1.544	1.663	7,7	601,9	585,9	(2,7)
BRASIL	442,2	406,6	(8,1)	1.474	1.570	6,5	652,0	638,5	(2,1)

QUADRO 2 – FEIJÃO COMUM PRETO 2ª SAFRA

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,4	1,5	7,1	247	310	25,5	0,3	0,5	66,7
PB	1,4	1,5	8,5	247	310	25,5	0,3	0,5	66,7
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.920	2.050	6,8	0,4	0,4	-
DF	0,2	0,2	-	1.920	2.050	6,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	9,6	9,6	-	1.142	1.143	0,2	10,9	11,0	0,9
MG	6,4	6,4	-	1.264	1.240	(1,9)	8,1	7,9	(2,5)
ES	2,5	2,5	-	810	905	11,7	2,0	2,3	15,0
RJ	0,7	0,7	-	1.206	1.111	(7,9)	0,8	0,8	-
SUL	142,3	145,2	2,0	1.526	1.790	17,3	217,1	259,9	19,7
PR	105,6	109,1	3,3	1.550	1.892	22,1	163,7	206,4	26,1
SC	17,4	19,8	14,0	1.500	1.570	4,7	26,1	31,1	19,2
RS	19,3	16,3	(15,5)	1.416	1.375	(2,9)	27,3	22,4	(17,9)
NORTE/NORDESTE	1,4	1,5	7,1	247	310	25,5	0,3	0,5	66,7
CENTRO-SUL	152,1	155,0	1,9	1.502	1.750	16,5	228,4	271,3	18,8
BRASIL	153,5	156,5	2,0	1.491	1.737	16,5	228,7	271,8	18,8

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em abril/2020

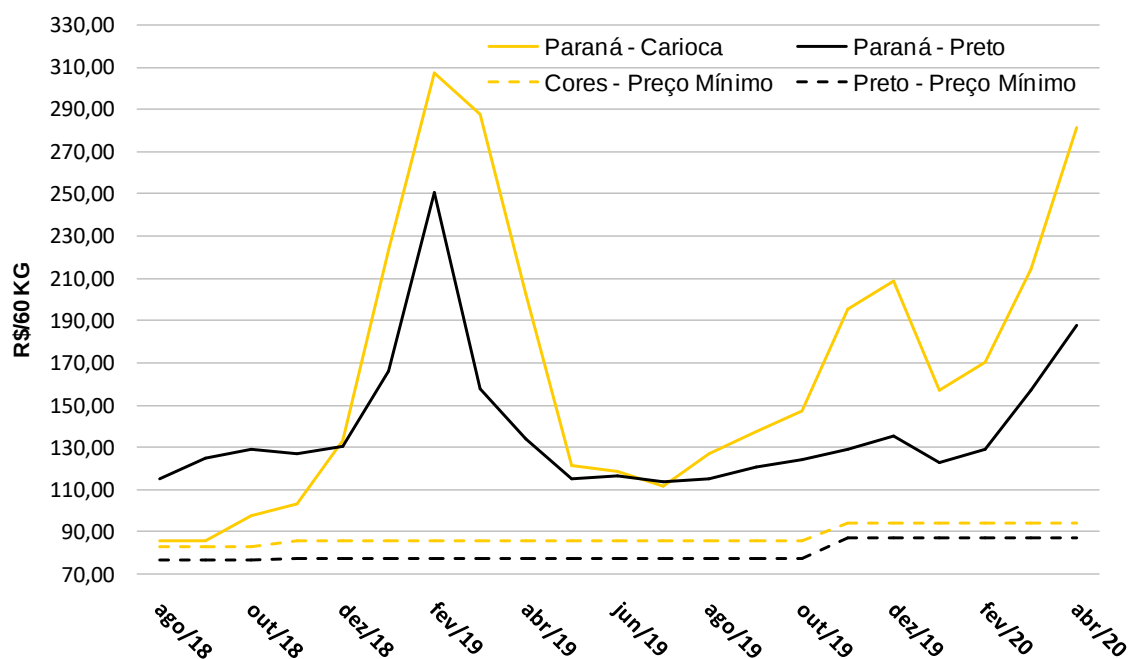


Análise MENSAL

Feijão

MARÇO/ABRIL DE 2020

GRÁFICO 1 – PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO PARANÁ

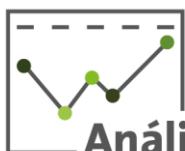


Fonte: Conab

1.3 VAREJO

As redes de comercialização operam com diversas marcas e padrões de mercadorias. Nota-se que quando o pacote de um quilo ultrapassa o valor de R\$ 5,00, as vendas travam dificultando o tempo para a devida reposição. Em São Paulo, o pacote de 1 kg do carioquinha, tipo 1, independente da marca vinha sendo cotado por aproximadamente R\$ 7,00, mas a partir de meados de março o mercado passou por uma forte oscilação positiva de preços, em virtude da forte demanda do varejo causada pelo coronavírus, e o produto passou a ser

vendido por valores entre R\$ 8,00 e R\$ 9,00 o quilo. No entanto, aos poucos, com boa parte do consumidor abastecida, a demanda recuou dificultando bastante o repasse dos últimos aumentos de preços, o que certamente irá impactar ainda mais o consumo interno.

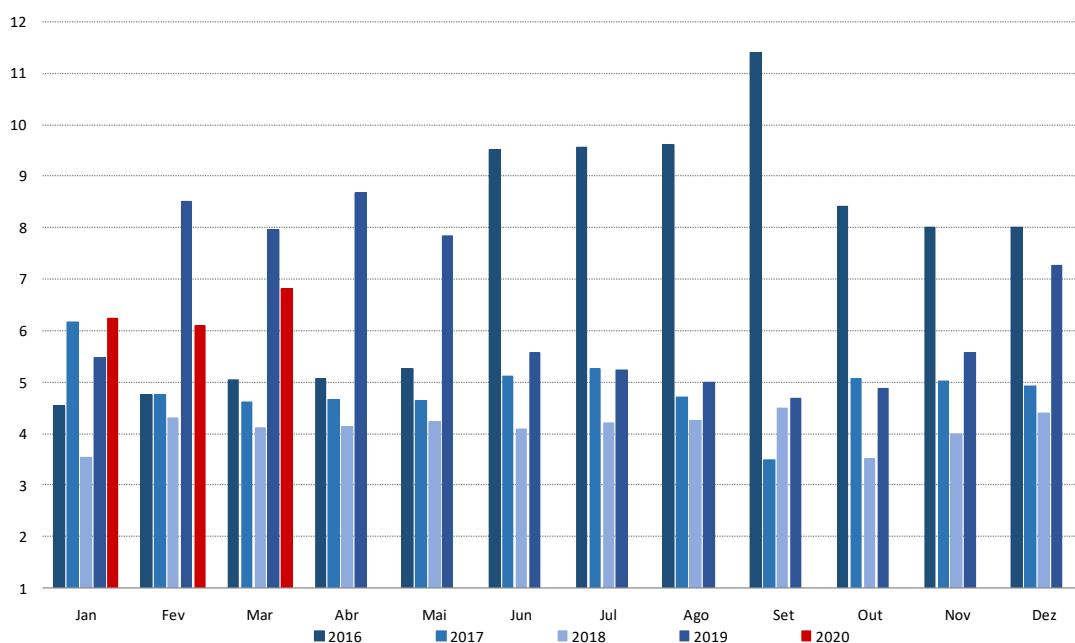


Análise MENSAL

Feijão

MARÇO/ABRIL DE 2020

GRÁFICO 2 – VAREJO – PREÇOS DO FEIJÃO CARIOCA EM SÃO PAULO – R\$/KG



1.4 SUPRIMENTO

Em relação à balança comercial, a redução nas importações é reflexo da forte valorização do dólar frente ao real e, ainda em 2019, ocorreu uma maior necessidade de importação, vez que as chuvas excessivas, registradas no final de maio no Paraná, comprometeram cerca de 30 mil toneladas de feijão comum preto. Já para as exportações, identifica-se um mercado comprador consolidado, porém sem perspectiva de expansão, em função da redução no plantio, e ao limitado mercado internacional de feijão caupi, tipo de grão exportado pelo país.

Em suma, para a temporada - 2019/2020 prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o trabalho de campo realizado por técnicos da Conab, em março, chega-se em um volume médio de produção estimado em 3,1 milhões de toneladas. Neste cenário, partindo-

se do estoque inicial de 245,5 mil toneladas, o consumo em 3.05 milhões de toneladas, as importações em 100,0 mil toneladas e as exportações de 160,0 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 256,2 mil toneladas.



Análise MENSAL

Feijão

MARÇO/ABRIL DE 2020

QUADRO 3 – SUPRIMENTO DE FEIJÃO – EM MIL TONELADAS

SAFRAS	ESTOQUE PRODUÇÃO		IMP.	SUPRIMENTO	CONSUMO APARENTE	EXP.	ESTOQUE DE PASSAGEM
	INICIAL	NACIONAL					
2009/10	317,7	3322,5	181,2	3821,4	3450	4,5	366,9
2010/11	366,9	3732,8	207,1	4306,8	3600	20,4	686,4
2011/12	686,4	2918,4	312,3	3917,1	3500	43,3	373,8
2012/13	373,8	2806,3	304,4	3484,5	3320	35,3	129,2
2013/14	129,2	3453,7	135,9	3718,8	3350	65	303,8
2014/15	303,8	3210,2	156,7	3670,7	3350	122,6	198,1
2015/16	198,1	2512,9	325,0	3036,0	2800	50,0	186
2016/17	186	3399,5	137,6	3723,1	3300	120,5	302,6
2017/18	302,6	3116,1	81,1	3499,8	3050	162,4	287,4
2018/19(*)	287,4	3022,5	149,6	3459,5	3050	164,0	245,5
2019/20(**)	245,5	3120,7	100,0	3466,2	3050	160,0	256,2

(*) Dados estimados em março de 2020

Fonte: Conab/Secex

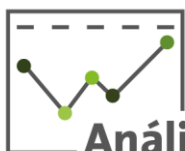
1.5 RENTABILIDADE

Pelo visto, ao longo deste mês de abril, o mercado deverá operar com entrada de pequenos lotes, tendo em vista que no referido período apenas no estado do Paraná ocorrem colheitas. Lá, cerca de 10% das lavouras semeadas em janeiro, foram prejudicadas pela insuficiência hídrica, influyendo em redução de 20% na produtividade estimada, e queda na qualidade dos grãos (miúdos). Com isso, os poucos lotes do produto de qualidade que apareceram para venda puxaram os preços para cima.

Pouca resta de produção para suprir o abastecimento interno, e a entrada da próxima safra acontece em meados de maio/20. Mas, até lá, mesmo na concentração da colheita no

Paraná, os preços tendem a continuar elevados, reforçados pelo atraso da semeadura em Minas Gerais.

Em Ponta Grossa (PR), o custo médio de produção estimado pela Conab em março/20, é de R\$ 3.122,28 por hectare. Considerando uma produtividade média por hectare de 2.000 kg, comercializados atualmente pelo preço médio estimado em R\$ 299,00/saca, chega-se a uma receita bruta de R\$ 9.966,67. Desta feita, o agricultor terá em relação ao custo variável de produção uma rentabilidade positiva de R\$ 6.844,39/ha ou R\$ 205,35 por saca.



Análise MENSAL

Feijão

MARÇO/ABRIL DE 2020

QUADRO 4 – ANÁLISE DE RENTABILIDADE – FEIJÃO 2ª SAFRA EM R\$/ha – Ponta Grossa (PR) baseada no custo de produção de março de 2020.

Preço (R\$/60kg)	299,00
Produtividade do pacote (kg/ha)	2.000,0
Análise financeira	
A - Receita bruta (*II)	9.966,67
B – Despesas:	
B1 – Despesas de custeio (DC)	2.687,04
B2 – Custos variáveis (CV)	3.122,28
B3 – Custo operacional (CO)	3.558,92
a) – Margem bruta s/ DC (A - B1)	7.279,63
b) – Margem bruta s/ CV (A - B2)	6.844,39
c) – Margem líquida s/ CO (A - B3)	6.407,75
Indicadores	
Receita sobre o Custeio (A / B1)	3,71
Receita sobre o Custo Variável (A / B2)	3,19
Receita sobre o Custo Operacional (A / B3)	2,80
Margem bruta (DC) / Receita (a / A)	73,04%
Margem bruta (CV) / Receita (b / A)	68,67%
Margem líquida (CO) / Receita (c / A)	64,29%

Fonte: Sistema de Custos da Conab/Siagro

1.6 TENDÊNCIAS DO MERCADO BRASILEIRO

FATORES DE ALTA	FATORES DE BAIXA
Diminuição da oferta da produção da 1ª safra, atraso do plantio em Minas Gerais, e adversidades climáticas no Paraná.	Baixo consumo em função dos elevados preços praticados no mercado.
Expectativa: Os preços tendem a ser manter em patamares elevados até a entrada mais expressiva da produção oriunda da 2ª safra.	

2. DESTAQUE DO ANALISTA

Preços com viés de alta devido ao baixo estoque nas zonas de produção/indústrias..